SOCIEDADE INCLUSÃO

Polémica Há mães e pais que dão conta de manuais escolares que reforçam estereótipos e não são inclusivos. A CIG confirma

Os manuais são para todas as crianças?

Texto **BERNARDO MENDONÇA**
Fotos **TIAGO MIRANDA**

Num manual de Inglês do 3º ano, da Leya, vê-se uma família num piquenique. O filho anda de bicicleta com o pai, a menina apanha flores com a mãe. Noutro manual de Português do 3º ano uma menina surge disfarçada de princesa, com um sapo nas mãos, quando se fala de Carnaval. O menino está trajado de pirata. Noutro manual de Estudo do Meio do 3º ano, também da Leya, em determinado exercício sobre sentimentos, aparecem vários rapazes a jogarem à bola e, ao lado, a imagem de uma menina triste. Laura Groz, de 34 anos, mãe de três filhos — uma menina de nove anos, outro rapaz de seis e uma bebé de cinco meses —, afirma serem muitos os exemplos de papéis de género estereotipados nos manuais escolares. "Os manuais são redutores. Não refletem a realidade, reforçam modelos ultrapassados sobre rapazes e raparigas e obrigam a divisões binárias de género. Tanto o meu filho como a minha filha gostam de andar de bicicleta. E, provavelmente, ela gosta mais de futebol e ele interessa-se mais por flores. É tempo de mostrar outras famílias, outras crianças, outras formas de ser e estar além dessa visão mais conservadora e limitada."

A residir em Mafra, esta gestora de Alojamento Local, bissexual e a viver com a sua atual companheira, afirma que é da responsabilidade das escolas e dos manuais escolares darem a conhecer a diversidade da sociedade. E dá exemplo: "Na representação das famílias deve haver também casos de duas mães ou dois pais e pessoas que não sejam só brancas. Isto também é educar", considera. Confrontada com estes exemplos, a Leya afirma que a maioria dos livros já não se encontra no mercado — e que o manual de Português referido será substituído no próximo ano.

Manuais cristalizados no tempo

O mesmo olhar crítico tem Catarina Caetano, de 37 anos, atriz, mãe de Madalena e Alice, de 12 e seis anos. "Os manuais escolares ainda estão cristalizados na forma como os meninos e meninas são representados." E diz que encontra sem dificuldade exemplos de representações das meninas "com saias e totós", "de cor-de-rosa", "tranquilas", "a fazer desenhos", e os meninos "mais saídos da casca", a "trepar a árvores". Na opinião desta mãe, estes modelos repetidos levam as crianças a pensar que devem corresponder a esses rótulos de género. "Um destes dias, a Alice chegou a casa a dizer que às vezes faz coisas de meninos, como trepar às árvores. Mas por que razão isso é coisa de meninos? Isso é coisa de crianças."

Sandra Ribeiro, presidente da Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (CIG), defende que os manuais escolares, de uma forma geral, "não têm ainda a representatividade e diversidade desejada" e que sublinham estereótipos de género. "Isso não é segredo nem é uma questão de opinião." E relata que num congresso ocorrido em outubro do ano passado, no Fórum para a Igualdade — que envolveu representantes dos Ministérios do Trabalho, da Cultura e da Educação portugueses e franceses —, chegou-se à conclusão de que "efetivamente os manuais escolares necessitavam ser revisitados" em ambos os países. E mais adianta que ficou conversado atuar sobre a conceção e certificação destes manuais no âmbito dos planos de ação da Estratégia Nacional para a Igualdade e Não Discriminação (ENIND). Para a presidente da CIG, terá de ser feito um trabalho conjunto, entre a área da igualdade e da educação, para uma maior capacitação das editoras. "Estou convencida de que a maioria dos professores e professoras que escreve estes manuais ou que os escolhe está pouco sensibilizada. A lei é boa, já prevê que os manuais escolares devem ser elaborados e escolhidos tendo em conta critérios de promoção da igualdade e da não-discriminação. Só que não está devidamente incorporado."

Em cima, Maria e Ari, de 9 e 6 anos. Na foto do meio, a atriz Catarina Caetano e Nuno Borda de Água com as filhas, Madalena e Alice, de 12 e 6 anos. Em baixo, Joana Videira com a filha, Maria José, de 7 anos

Bloco questiona ME

Por isso mesmo a deputada do BE Joana Mortágua submeteu esta semana na AR uma pergunta ao ministro da Educação sobre que medidas serão tomadas para os manuais escolares serem mais inclusivos, dando conta de queixas sobre conteúdos que passam mensagens escolares contrárias ao princípio constitucional da igualdade — e contraditórias com as orientações curriculares da Educação Sexual e Estratégia Nacional para a Cidadania.

"OS MANUAIS SÃO REDUTORES. REFORÇAM MODELOS ULTRAPASSADOS SOBRE RAPAZES E RAPARIGAS", AFIRMA LAURA GROZ

Joana Mortágua refere o manual escolar "Geo+8", da Porto Editora, que gerou polémica há umas semanas no Twitter. Nesse livro, e a propósito da "política antinatalista", listam-se medidas e comportamentos sociais que reduzem o valor da natalidade. São eles: "benefícios fiscais para as famílias com apenas um ou dois filhos", "aconselhamento ao casamento tardio", "valorização do papel social da mulher", "divulgação do planeamento familiar (distribuição gratuita de meios contracetivos, por exemplo)", "campanhas de sensibilização através da publicidade, por exemplo", "legalização do aborto", "aumento do nível de instrução da população, sobretudo da feminina". A Porto Editora respondeu que se refere a "políticas antinatalistas implementadas pelos países menos desenvolvidos" e que é "consistente" com as aprendizagens essenciais publicadas pelo Ministério da Educação.

Para a deputada do BE a justificação "não é satisfatória". Considera ainda ser frequente nos manuais escolares do 1º ciclo ser discutido o tema da identidade com textos, imagens e exercícios que promovem "uma visão estereotipada da identidade de género", uma vez que alinham sexo, género e expressão de género. E afirma: "Estes manuais falham a oportunidade de promover junto das crianças a compreensão da diversidade e o respeito pela identidade de todos os colegas."

A pequena Maria José sofreu isso na pele. Foi entre lágrimas, "ansiedade" e "raiva" que esta menina trans, de sete anos, completou um dos trabalhos para casa incluído no manual do 1º ano de Estudo do Meio, "Os Fantásticos", da Leya, de 2021. Perante a imagem de dois bonecos despidos, diferenciados apenas pelos genitais, foi-lhe solicitado que indicasse com qual se identificava: "Sou um menino. Sou do sexo masculino" ou "sou uma menina. Sou do sexo feminino". A mãe, Joana Videira, afirma que a sua filha se mostrou zangada ao ter de repetir o exercício várias vezes nos cadernos de fichas e manuais, deixando-a numa encruzilhada de géneros. Num deles pintou ambos, menina e menina. Noutro pintou o menino com *leggings* e cabelo comprido, "com as roupas femininas que usa", e noutro "riscou com fúria", para fora dos traços, a figura do boneco. A mãe explica que isto constituiu uma violência para a filha, que desde os seis anos é tratada pela turma, professores e pedopsiquiatra com o novo nome social correspondente ao género feminino com que se identifica. Mas o dito manual escolar deixou esta criança em conflito. "Cada criança deve identificar-se com o género com que se sente, tal como diz a lei da autodeterminação de género. Este exercício escolar só aumentou o sofrimento e disforia da minha filha."

A psicóloga clínica Rute Agulhas considera que "as crianças que não encaixam nestes estereótipos se sentem diferentes e são vítimas de violência por parte dos pares, aumentando a probabilidade de experienciarem sofrimento e alterações na saúde". E alerta para a importância de "sensibilizar e formar os agentes educativos" para que se sintam confortáveis em abordar estas temáticas com os alunos sem tabus, envolvendo encarregados de educação.

A subdiretora da Direção-Geral da Educação, Eulália Alexandre, diz que as questões que chegam ao Ministério sobre desconformidades nos manuais escolares "são residuais". Porém, basta haver um manual que não respeite as questões da diversidade para ser revisto. "A escola tem que ser espaço de respeito pela multiculturalidade e diversidade. Se estas crianças e jovens não tiverem conhecimento, não vão saber respeitar. Esse respeito nasce através dos manuais e da discussão com professores e famílias. Respeitar a diversidade não é deixar as crianças em paz, é dar-lhes conhecimento, deixando-as construir pensamento. Nós respeitamos e emitimos os certificados a crianças e jovens que querem fazer a sua mudança de género por opção de vida. Acima de tudo, a escola tem de ser o espaço do respeito e de ser respeitada."

bmendonca@expresso.impresa.pt